

Turismo na Serra Catarinense: um exercício de observação sobre a população do município de Urubici

Turismo en la Sierra Catarinense: un ejercicio de observación sobre la población del municipio de Urubici

Tourism in the Santa Catarina Serra Region: an exercise in observation of the population of the municipal district of Urubici

Ângela Maria de Souza*
e-mail: angela.souza@univali.br

Resumo

O discurso turístico encontrado em material de divulgação do Estado de Santa Catarina fundamenta-se a partir da constituição de uma população formada por descendentes de imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos. Como exemplo, podemos citar algumas das “tradicionalistas” festas que acontecem no Estado como a *Oktoberfest* (Blumenau / Itapiranga – Alemã), Fenarrecó (Brusque – Alemã), Festa do Vinho (Urussanga – italiana), *Ritorno alle Origene* (Urussanga – Italiana). Estas são festas impulsionadoras do turismo no Estado que evidenciam um discurso positivado destas populações. Os imigrantes europeus vindos para o Brasil, principalmente no século XIX, também se estabeleceram na região serrana de Santa Catarina. Porém, antes destes, as populações indígenas, negras, portuguesas eram as que compunham a população local. Atualmente, os descendentes destas diferentes populações continuam na região e um olhar mais atento nos faz percebê-los. E no discurso turístico como se apresentam estas populações? O artigo descreve uma proposta que teve como objetivo principal analisar a constituição do discurso turístico do município de Urubici, a partir da inclusão/exclusão da população local neste pensar o turismo.

Palavras – chave: Turismo; Discurso Turístico; Inclusão / Exclusão.

Resumen

El discurso turístico encontrado en material de divulgación del Estado de Santa Catarina se fundamenta a partir de la constitución de una población formada por descendientes de inmigrantes europeos, principalmente alemanes e italianos. Como ejemplo podemos citar algunas de las “tradicionalistas” fiestas que suceden en el Estado como la *Oktoberfest* (Blumenau/ Itapiranga – Alemana), Fenarrecó (Brusque – Alemana), Fiesta del Vino (Urussanga - italiana). Estas son fiestas impulsoras del turismo en el Estado que evidencian un discurso positivo de estas poblaciones. Los inmigrantes europeos venidos para Brasil, principalmente en el siglo XIX, también se establecieron en la región serrana de Santa Catarina. Pero, antes de estos las poblaciones indígenas, negras, portuguesas eran las que componían la población local. Actualmente, los descendientes de estas diferentes poblaciones siguen en la región y una mirada más atenta nos hace percibir su presencia. ¿Y en el discurso turístico como se presentan estas poblaciones? El artículo describe una propuesta que tuvo como objetivo principal analizar la constitución del discurso turístico del municipio de Urubici, a partir de la inclusión/exclusión de la población local en este pensar el turismo.

Palabras clave: Turismo; Discurso Turístico; Inclusión/Exclusión.

Abstract

The tourism discourse found in material publicizing the State of Santa Catarina is based on a population made up of descendents of European immigrants, in particular, Germans and Italians. An example of this is the “traditional” festivals which take place in the State, such as the *Oktoberfest* (Blumenau / Itapiranga - German), the Fenarrecó (Brusque - German), The Wine Festival (Urussanga - Italian), and the *Ritorno alle Origene* (Urussanga - Italian). These festivals help to promote tourism in the State, and show a positive discourse in relation to these populations. The European immigrants that came to Brazil, principally in the 19th Century, also settled in the serra, or hilly region of Santa Catarina. However, prior to these

*Docente do Curso de Graduação em Ciência Política da Universidade do Vale do Itajaí – campus de Itajaí. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

groups, the local population was made up of indigenous, black and Portuguese populations. Nowadays, the descendents of these different populations continue to live in the region, and can be observed if one looks closely. And how are these populations presented in the tourism discourse? The article describes a proposal aimed at analyzing the tourism discourse of the town of Urubici, based on the inclusion/exclusion of the local population in this tourism thinking.

Key words: Tourism; Tourism Discourse; Inclusion / Exclusion.

Introdução

A reflexão que procuro trazer a partir deste artigo reside em pensar a participação das diferentes populações presentes ou ausentes no discurso turístico referente ao município de Urubici, localizado na Serra Catarinense. Santa Catarina é um estado constituído a partir de uma lógica centrada em um discurso que ressalta a importância da população proveniente do processo imigratório. Ressalto aqui que este imigrante é principalmente europeu - italiano, alemão e açoriano¹.

A imigração europeia possui seu fluxo principal no século XIX. Até a década de 1840 a quantidade de imigrantes europeus chegados ao Brasil ainda era inexpressiva. Mesmo assim, a legislação da época dá indícios do incentivo que oferece a estes colonos, o que pode ser verificado na Lei de Terras Devolutas – Lei n. 514 de 28 de outubro de 1848, a qual estabelece que: “A cada uma das Províncias do Império ficam concedidas no mesmo, ou em diferentes lugares de seu território, seis léguas em quadra de terras devolutas, as quais serão exclusivamente destinadas à colonização, e não poderão ser arroteadas por braços escravos” (DEMORO, *apud* PIAZZA, 1994, p. 113).

A colonização ganha força em detrimento de outras populações aqui existentes, como aponta a lei acima citada. É neste período que iniciam as colônias localizadas no norte (Blumenau, Joinville, São Bento do Sul, etc – alemães, italianos, suíços, poloneses, dinamarqueses e noruegueses), no sul (Grão Pará, Tubarão e Urussanga – italiana, polonesa) e na região próxima a Desterro (São Pedro, Biguaçu, Santa Izabel, etc, alemã, italiana).

Na região da serra catarinense e meio oeste – Campos Novos, Curitiba e Lages – é datada de 1895 a Lei que autoriza a utilização de terras devolutas para fins coloniais. A construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande – que corta o estado de norte a sul, passando pelo meio-oeste, tem como pagamento 15 KM de largura na extensão da mesma. Mesmo existindo pessoas que ali habitavam, estas terras foram desapropriadas e posteriormente utilizadas para fins de exploração madeireira e colonização, gerando, assim, durante a segunda década do século XX, um processo de migração entre os colonos já estabelecidos em outras colônias, principalmente, alemães e italianos de Santa Catarina e Estados vizinhos. Este processo de colonização estendeu-se até o extremo-oeste catarinense² e foi marcado pela exploração de madeira com a instalação das primeiras serrarias. Para o governo, o processo de colonização das terras desta região resolve também o problema das terras contestadas entre Paraná e Santa Catarina³.

A presença desta população, descendente de imigrantes europeus, no discurso turístico de Santa Catarina, é incontestável e visível, basta observarmos mais atentamente os *folders* e propagandas turísticas do Estado. Trago aqui alguns exemplos encontrados no catálogo da ABIH – Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – Santa Catarina, juntamente com o Governo do Estado⁴:

- “A pequena Itália” – referindo-se a cidades do sul catarinense.
- “As tradições europeias herdadas dos colonizadores são uma característica marcante da região norte de Santa Catarina”.
- “Vale europeu – Blumenau – enclave germânico no Brasil”.
- “O Vale do Itajaí é conhecido por ser a região mais alemã do Brasil”.
- “Treze Tílias parece uma aldeia saída dos Alpes Austríacos. Fraiburgo, fundada por imigrantes vindos da Alsácia, é a ‘Capital Brasileira da Maçã’. [...] E, nas cidades do Vale da Uva e do Vinho – Videira, Tangará e Pinheiro Preto – as atrações ficam por conta da cultura italiana”.

A partir destes destaques, constata-se que a população de origem européia é marca registrada do Estado e presença garantida no discurso turístico. Meu questionamento aqui reside em refletir sobre as populações que fazem parte de um processo histórico da região, mas que estão ausentes deste discurso turístico, mais especificamente no município de Urubici.

Os Campos de Lages

No ano de 1915 Urubici foi instalado como Vila de São Joaquim e tornou-se independente, ganhando status de município em 1957. Sua história confunde-se com a história dos municípios de São Joaquim e Lages⁵. Conseqüentemente, falar sobre Urubici nos remete aos Campos de Lages.

Os chamados “Caminhos das Tropas”, percorridos pelos tropeiros que saíam do Rio Grande do Sul com gado para São Paulo, misturam-se com a história da região dos Campos de Lages⁶. Em 1771, como aponta Piazza (1994), com a construção do pelourinho⁷ e a definição dos homens do governo, dá-se a fundação da Vila de Nossa Senhora dos Prazeres dos Campos de Lages. A localidade se situa na passagem do Caminho do Sul percorrido pelos tropeiros em direção a São Paulo. “Com o caminho das tropas se formou um longo curso de fazendas de internada e criação, locais de importância fundamental ao repouso e engorde do gado extenuado pelas longas jornadas” (MACHADO, 2001, p. 15). O processo de povoamento da região é impulsionado, paralelo à abertura de estradas que ligam a região ao litoral da Província.

“Os tropeiros e fazendeiros que vieram dos campos gerais do Paraná e mais tarde do planalto gaúcho traziam consigo, além de suas extensas famílias, escravos africanos, índios ‘administrados’ e mestiços agregados” (MACHADO, 2001, p. 17). Em 1833, como aponta o autor, a população da localidade está distribuída da seguinte forma: 2.207 pessoas livres (1.124 brancos, 97 índios, 564 pardos e 422 pretos) e 260 escravos (78 pardos e 182 pretos). O termo população negra “livre” deve ser vista com certo cuidado, pois esta se encontra envolvida numa rede de relações de trabalho que a mantém sob o poder dos fazendeiros para quem trabalham.

A lida com o gado e a abertura das estradas foram empreendimentos que tiveram na mão de obra negra (preta e parda) um grande impulsionador⁸. Os dados populacionais da época nos mostram que a representatividade numérica desta população (“livre” e escrava) foi bastante significativa. Mesmo sendo esparsos os dados históricos referentes a esta população, sua importância para a constituição da região, nos mais amplos setores, é inegável.

Paralelo a todo este processo de exploração econômica e povoação da região, o embate com a população indígena⁹ se impõe. O processo de colonização acirra a chamada “limpeza do terreno”, ou seja, expulsão e extermínio da população indígena local para dar lugar às colônias de imigrantes europeus. “Só conseguiam escapar da morte algumas mulheres jovens que seriam transformadas em esposas e companheiras de peões, pequenos sitiantes e tropeiros” (MACHADO, 2001, p.13).

Acrescenta-se que, além destas mulheres, os que escapavam da morte eram utilizados como escravos, aos que não podiam desempenhar esta “função” restava a morte, prática que se inicia no século XVII, com as bandeiras paulistas, e continua até início do século XX, com o processo de migração. Mesmo assim, os ataques perpetrados pelos indígenas aos que ali chegavam surgiam como forma de defesa de suas terras. Contudo, estes ataques não foram suficientes para barrar o processo de expansão colonialista e com ela o banimento das populações e suas culturas que eram vistas como percalços para a política vigente. Índios, negros, brancos empobrecidos fazem parte desta população que vai perdendo gradativamente o espaço nas terras do Planalto Catarinense.

De acordo com Bloemer (2000) os dados históricos definem a população que na região vive sob a denominação de caboclos, os quais aparecem como resultado da miscigenação entre índios, negros e brancos. Socialmente, “[...] tudo indica que se tratavam, principalmente, de antigos ocupantes do espaço das fazendas – peões, agregados, escravos e até estancieiros empobrecidos – que excedentes

nesse espaço, penetram nas matas em busca de alternativas de sobrevivência” (BLOEMER, 2000, p. 51). Contudo, o penetrar nas matas só é permitido porque as terras da região ainda eram abundantes e os limites pouco definidos o que permitia uma larga circulação e exploração dos recursos para a subsistência.

Até 1822 a posse da terra era definida a partir do título de sesmaria, definido pela coroa e governadores das províncias. Em 1850 entra em vigor a Lei de Terras, diferenciando as terras públicas das terras particulares e definindo o título de propriedade a partir da compra, gerando uma rápida valorização devido à localização e por possuírem determinadas áreas de pastagens naturais, principalmente, porque “[...] os tropeiros que provinham do sul tinham que pagar aluguel pelo pouso do gado em trânsito” (MACHADO, 2001, p. 21).

Restam aos pequenos posseiros as áreas desvalorizadas (matas, capoeiras, faxinais). Mesmo assim, ao derrubarem a mata nativa para dar lugar às pastagens, mudando a valorização da área, estes eram alvo de grilagens pelos grandes fazendeiros da região e o posseiro era novamente expulso, como aponta o autor acima citado.

A delimitação das posses de terra não respeitava os que ali estavam como posseiros, muitos deles caboclos, e era comum terem suas propriedades englobadas pelas fazendas. Assim, ou eram expulsos ou tinham que “viver de favor” nas terras, antes, sua propriedade, criando uma relação de dependência (BLOEMER, 2000). Aos que conseguiam permanecer em “suas” propriedades restava o risco constante de perder esta posse, tanto para os grandes fazendeiros da região como para o processo de colonização que se estabeleceu na região. Quem não tinha a posse documental destas terras era expulso ou transformava-se num “agregado”, sem qualquer garantia trabalhista ou de posse.

Bloemer (2000) aponta a ausência de referência aos caboclos na Serra Catarinense, excetuando-se a participação desta população na Guerra do Contestado. Fruto do processo de delimitação e expulsão das terras, estes passam a ter na extração da erva-mate, colhida nas matas, uma importante fonte econômica. A divisão das terras na Serra Catarinense criou de um lado os latifundiários e de outro as pequenas posses dos caboclos.

O processo de colonização, mais uma vez, atinge a população cabocla, já que as terras determinadas para a colonização nem sempre estavam desocupadas. Eram terras principalmente dos caboclos, que por não possuírem documentação assegurando a posse, eram expulsos. “[...] em 1911, a *Southern Brazil*, subsidiária da *Brazil Railway*, comprou 180 mil hectares de terras em área de jurisdição contestada. Como os espaços adquiridos não estavam desocupados, os caboclos que ali viviam, transformados em ‘intrusos’, foram expulsos, ampliando desse modo o contingente dos deserdados de terra na região” (BLOEMER, 2000, p. 56).

A construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande marca um importante momento na história da população cabocla na região. A empresa responsável pela construção da estrada, *Brazil Railway*, recebe como pagamento 15 KM de terras no decorrer dos trilhos. Com isso, toda a população que ocupava este espaço é expulsa, dentre elas uma grande maioria de caboclos.

O processo de colonização implementado na região irá gerar a construção de identidades étnicas contrastivas: os “brasileiros” ou “caboclos” e os descendentes de imigrantes europeus. Neste momento, mais uma vez, se impõe a questão da posse das terras, já que enquanto os imigrantes garantiam esta posse a partir de documentação legal, ao brasileiro ou caboclo restava contar com a sorte, já que eram poucos os que possuíam algum tipo de documentação referente à posse destas.

A partir deste empreendimento – a construção da estrada de ferro – as matas, local de extração da erva-mate, passam a ser ameaçadas, colocando em perigo um importante recurso da economia cabocla.

A concessão de terras aos grandes proprietários, a construção da estrada de ferro, o processo de colonização, como aponta Bloemer (2000) são os motivos implementadores da participação desta população na Guerra do Contestado. Além da população local, expulsa de suas terras, juntam-se a eles os trabalhadores trazidos para a construção da ferrovia e que após o término da obra foram deixados sem qualquer tipo de amparo. A derrota dos caboclos ocorreu em 1916 no município de Curitiba e os remanescentes desta Guerra se estabeleceram na região dos Campos de Lages e meio-oeste.

O processo de exploração madeireira que se estabelece na região é um outro empreendimento que atinge a população cabocla da região. Com a chegada da colonização no início do século XX, deu-se a derrubada da mata de araucária principalmente para dar lugar às atividades agrícolas. Alguns destes colonos deram continuidade ao empreendimento, instalando as primeiras serrarias da região¹⁰.

Este mesmo processo atingiu Urubici. Segundo Rodrigues (s/d) as serrarias instaladas no município apenas ofereceram madeira para a construção das primeiras habitações. Logo em seguida, o autor aponta, contraditoriamente, que as serrarias tiveram grande importância para a economia da região, a qual foi cedendo lugar para a agricultura e pecuária. Provavelmente um dos motivos desta mudança tenha sido a rápida exploração de araucárias, escasseando esta espécie, e as proibições dos órgãos públicos de fiscalização. “De início a região era totalmente coberta por imensas matas de araucária, mas estas diminuíram rapidamente em virtude da intensificação da lavoura e do aumento do número de serrarias” (RODRIGUES, s/d, p. 21).

O autor ainda aponta que entre 1950 e 1970 a população do município aumenta e que a partir da década de 1970 há um decréscimo e atribui esta queda populacional ao fechamento de muitas serrarias, gerando um processo de emigração de cerca de 80% das famílias que trabalhavam nestas. Estas foram obrigadas a emigrar para outras cidades em busca de emprego. Ressalta-se que neste momento se coloca um questionamento: quem era esta população? Ou seja, caboclos, negros, índios?

Um primeiro aspecto que ressalta a relevância da exploração da madeira no município é que ao perguntar a um morador da localidade sobre a origem da população negra do município este se remete às pessoas que migraram para o trabalho nas serrarias e que após o fechamento destas, estabeleceram-se em bairros próximos a cidade.

O segundo aspecto que torna relevante pensar o papel desempenhado pelas serrarias se deu no período de instalação do posto do IBAMA no município. Urubici possui parte de sua extensão espacial dentro do Parque Nacional de São Joaquim¹¹, o que é motivo de acaloradas discussões envolvendo os poder público e os técnicos do IBAMA, tendo como problema principal as diferentes concepções sobre a exploração do turismo. Porém, quando a sede do IBAMA se instalou no município, o maior problema enfrentado foi à exploração irregular de madeira na região, momento em que se deu o fechamento de inúmeras serrarias. O resultado foi um novo processo de migração da população em busca de emprego.

Urubici: momentos históricos

Sobre a história do município de Urubici existem poucas referências. O primeiro contato com esta história deu-se por curiosidade, numa das inúmeras visitas ao município como turista¹². Perguntando sobre esta história, o responsável pelo setor de Informações Turísticas me forneceu um *folder* no qual encontravam-se as seguintes informações:

No final do século XIX e início do século XX, os moradores de Portugal começaram a emigrar para o Brasil e, muitos deles, desembarcaram em Santa Catarina. Várias expedições vieram para a Serra Catarinense, formando novos núcleos de povoamento. Mais tarde vieram também imigrantes italianos, alemães e letos.

Uma versão para o atual nome do município conta que a expedição dos pioneiros Manuel Saturnino de Souza Oliveira e José Saturnino de Oliveira era acompanhada por indígenas e um delas, ao avistar um galinácio típico da região, teria exclamado “Urubici”, que significa pássaro lustroso. [...] A localidade foi elevada à categoria de distrito de São Joaquim em 1922 e em 6 de dezembro de 1956 passou a categoria de município, mas o município foi definitivamente instalado em 03 de fevereiro de 1957. (SECRETARIA DE TURISMO, 2003, p. 12).

A partir destas informações, constata-se que a referência para pensar a população local passa pelos portugueses que deram início ao processo de povoamento do município e aos imigrantes,

descendentes de europeus que vieram com o processo de colonização. Ressaltando-se que a chegada dos portugueses ao Brasil é bem anterior ao século XIX, como aponta o folder. Aos índios é reservada a função de guia, no passado. Falando sobre a população do município, Rodrigues (s/d, p. 49) aponta:

Sendo fundada por luso-brasileiros, em Urubici encontram-se diferentes grupos étnicos. Sua população é formada por gente de diferentes origens: alemães, italianos, gaúchos e paulistas. Sendo Urubici um município pertencente ao planalto, onde o elemento predominante é o gaúcho e paulista, são desses os costumes que predominam, tais como: chimarrão, poncho, chapéu e vida ligada à fazenda de criação de gado. Mas os italianos e alemães marcam forte influência no tocante à lavoura pois não se deixam intimidar pelos serranos e apresentam forte influência nas colônias[...].

A partir da colocação do autor, dois grupos são predominantes na formação étnica do município, os gaúchos e paulistas, que deram início ao processo de povoamento e os migrantes descendentes de italianos e alemão, que vieram no processo de colonização. A história apresentada para a região impõe um processo de questionamento sobre as populações ali representadas no município, tanto com relação à população indígena como com relação à população cabocla e negra. Ao entrevistar o senhor João – morador da cidade - este afirma que os índios não estão mais na localidade, mas que negros ainda existem na cidade e acrescenta que durante a sua infância chegou a conhecer negros escravos que ainda possuíam as marcas de ferro quente que recebiam de seus “donos”. Grande parte desta população morava numa localidade distante do centro urbano da cidade chamada Espírito Santo, pertencente hoje ao município de Rio Rufino, que se desmembrou de Urubici. Estes eram escravos da Fazenda Santa Ana que fugiram atravessando o Rio Canos e se instalaram na localidade.

A inúmeras taipas – muros construídos com encaixes de pedras e que chegam a 1 metro de largura – são outro indicio da população negra presente na região. Estes eram muros utilizados na extensão das grandes fazendas para demarcar os limites. Muitas se encontram em ruínas, mesmo assim, persistem nos vastos campos.

Embora Urubici esteja relativamente distante da batalha final da Guerra do Contestado, as conseqüências do pós-guerra atingem o município. O Sr João, acima citado, se refere a história do município a partir da história de sua família, já que é tataraneto de José Saturnino de Souza Oliveira, tenente coronel que era irmão de Manoel Saturnino de Souza Oliveira, major, e que vieram do Rio de Janeiro para atuar na Guerra do Contestado. Findada a Guerra, estabeleceram-se na localidade de Pericó, onde deram início ao que mais tarde será o município de Urubici. Ao se estabelecerem na localidade estes requereram uma extensão de 100 milhões de terra, o que corresponde a 10.000 hectares. É a partir deste momento que a história de Urubici passa a ser contada.

Ressalta-se que as informações acima apontadas são fruto da oralidade. É uma história contada a partir da experiência da família de quem fala, a partir da vivência deste e do que foi sendo transmitida oralmente, uma memória permeada por aspectos simbólicos e subjetivos, uma memória que fala de uma história¹³.

Esta memória confunde-se com a história oficial do município. A partir das informações da história de Urubici, a expedição acima apontada, além dos indígenas, trouxe consigo familiares e “agregados” para auxiliar no processo de fixação na região, um fato importante e motivador da entrada nestas terras foi a crença na existência de tesouros deixados pelos Jesuítas quando por lá passaram ao serem expulsos das Missões¹⁴.

A primeira investida na busca destes tesouros é datada de 1878. Um destes relatos aponta que durante o percurso não foi encontrado qualquer sinal de “gente civilizada” (RODRIGUES, s/d, p. 1). Até então, a região era conhecida a partir da exploração pela busca de tesouros. O primeiro homem a ter interesses de fixação na região foi Manoel Saturnino de Souza Oliveira, membro da Guarda Nacional e já mencionado anteriormente. A chegada deste a localidade é fruto, principalmente, de

desavenças políticas, o que o faz enviar “[...] a primeira expedição de homens com o fim de explorar a área e conseguir um lugar de moradia” (RODRIGUES, s/d, p. 1). Não se sentindo seguros na localidade partiram, em 1890, com nova expedição, acompanhada de seus capatazes e dois filhos, na tentativa de encontrar local mais seguro.

Estabeleceram-se na região e um de seus filhos casa-se em São Joaquim e volta para a localidade, o que atrai atenção para a região. Em 1894 começam a chegar as primeiras famílias para residirem na localidade. Segundo Rodrigues (s/d, p. 3):

Com a notícia espalhada sobre as plagas invias e selváticas de Urubici e a fama das comentadas minas dos jesuítas apareceram na região muitos aventureiros e bandidos fugitivos. Criminosos de todas as cores e qualidades de Serra abaixo e das fazendas dos campos de Bom Jesus refugiavam-se em Urubici. [...] Também, vem um bom número de gente de cor: os quais vem tentar uma vida nova. Estes fizeram as primeiras roças e moradias em Águas brancas e na desembocadura do Rio dos Bugres. (grifo da autora)

O novo lugar atraía pela possibilidade de melhor qualidade de vida e também pela tentativa de enriquecimento rápido. Ressalta-se, ainda, que é período pós-abolição e que a população negra, utilizada como mão-obra-escrava na região, buscou se estabelecer como pode. Independente dos motivos pelos quais esta população se estabeleceu em Urubici ela dá forma à história do município.

Mesmo assim, bem antes do estabelecimento desta população na localidade, já havia registros da população indígena local, a qual era bastante temida, inclusive com a retirada de muitos moradores devido os ataques destes. Este processo de luta pela permanência neste espaço fez aparecer na nova localidade a figura do bugreiro, que além de enfrentar a população indígena a matava, fazendo a “limpeza do terreno” para que as populações pudessem se instalar sem maiores problemas. Mesmo assim, a relação branco/índio é, contraditoriamente, apontada como sendo uma relação de respeito mútuo, não havendo grandes conflitos, apenas algumas exceções. Se esta relação tivesse sido tão respeitosa, muito provavelmente não teria se instalado na região em 1893 o Sr. Manoel Veríssimo da Rosa, conhecido como Veríssimo Bugreiro e que recebeu este apelido “[...] por ter um jeito e capacidade de lutar com bugres, de adomá-los e mesmo de matá-los” (RODRIGUES, s/d, p. 3).

O relato histórico sobre a população indígena na região e a população negra que ali se localizou no processo de “desbravamento” remetem a pensar esta população na construção cultural do município. Mesmo assim, estas são apontadas como sempre pertencentes ao passado, seja pela construção das taipas feitas por mão-de-obra escrava ou nas cavernas dos bugres, ambas utilizadas como atração turística da cidade e que são indícios do processo de uso do espaço por estas populações.

O discurso construído para definir a população do município atualmente, apesar da escassez de fontes, nos apresenta os descendentes de luso-brasileiros, alemães, italianos e letos como os formadores da população local. Discurso este que é utilizado tanto pelo poder público quanto pelo discurso turístico sobre o município.

A construção de uma invisibilidade¹⁵ para determinadas populações acaba criando um mundo não pensado.

Um olhar mais atento sobre a parte central da cidade, local de maior concentração populacional, nos faz perceber que a constituição da população é bastante diversificada, mesmo que esta diversidade não apareça no discurso sobre a cidade.

O processo de colonização de Urubici se dá a partir da migração de colonos, principalmente de descendência alemã e italiana do sul do estado a partir de 1918. A estes colonizadores é atribuída a implantação da agricultura e das serrarias. A partir destes e de sua importância para a construção da identidade do município os “OUTROS” (negros, índios, caboclos) “desaparecem” do discurso sobre a cidade. Cria-se uma invisibilidade que se espalha e se faz perceber em outros seguimentos e discursos.

Urubici no Discurso Turístico

“Situada a 980m. de altitude do nível do mar, nos aparados da Serra Geral, Urubici foi privilegiada pela mãe natureza com uma beleza cativante.”¹⁶ Assim inicia um dos vários *sites* sobre turismo da região da serra catarinense, mais especificamente no município de Urubici. A altitude, o clima¹⁷, as belas paisagens de uma natureza exuberante, a localização são alguns dos aspectos ressaltados na construção de um discurso turístico sobre Urubici¹⁸.

Urubici é um município com aproximadamente 10.000 habitantes e que tem na agricultura¹⁹, pecuária e turismo seus pilares de sustentação econômica. O turismo do município apresenta, além dos atrativos naturais, que podem ser apreciados a partir do chamado turismo contemplativo, outras modalidades, tais como: turismo rural, com hotéis e pousadas que oferecem este tipo de serviço (cavalgadas, pescarias, caminhadas, etc); eco-turismo, com caminhadas, *raffiting*, rapel em cachoeiras, escaladas, vôos de parapente; turismo de eventos e o turismo religioso.

Este potencial turístico passou a ser explorado faz 10 anos, até então, a economia girava em torno da agricultura, pecuária e exploração da madeira.

A preocupação em criar uma infra-estrutura para receber o turista iniciou-se entre os anos de 1992 – 1996, como informa o Secretário de Turismo do Município. É neste período que é implantado o posto de Informações Turísticas, a ampliação da capacidade para hospedagem (hotéis, pousadas, camping) e o setor gastronômico. Um outro serviço que teve início neste período e que continua atualmente é a sinalização da cidade e dos pontos turísticos, oferecendo ao turista mais segurança e autonomia²⁰.

A natureza exuberante a possibilidade de prática dos chamados esportes radicais atraiu grupos especializados neste tipo de prática e que passaram a explorar estes atrativos.

O município ainda conta com alguns órgãos e entidades que participam do processo de exploração e discussão do turismo: POUSERRA – Associação de Pousadas e Hotéis de Urubici, Conselho Municipal de Turismo (com representantes da POUSERRA, CDL – Clube de Diretores Logistas, setor gastronômico, associações comunitárias, Secretaria de Turismo Educação, Cultura e Desporto, Câmara de Vereadores), ONG – Organização Não Governamental – Águas Nascentes (com foco na discussão sobre uso dos recursos ambientais) e a Associação Comunitária da Rota Encantada.

Este último é um Projeto da Prefeitura que pretende criar um circuito turístico a partir das populações, grupos étnicos, que consideram mais representativos no município. A rota compreende aspectos da culinária, artesanato, costumes desta população, etc. Até o momento, as populações definidas para fazerem parte deste Projeto são os descendentes de italianos, alemães e letos, não havendo indícios de que outras possam vir a fazer parte deste roteiro.

O município conta com uma ampla divulgação estadual de seus atrativos principalmente a partir de *folders* e é a partir destes que realiza-se aqui uma breve análise para verificar como o município é representado, como apresentam as diferentes populações que o compõem.

O primeiro destes *folders* data da administração municipal de 1997-2000. Este apresenta o município como a Terra das Hortaliças, além da produção da maçã e erva-mate. Apresenta as inscrições rupestres como o sinal da passagem dos primeiros habitantes da região. Para falar do município, compara-lo com as paisagens européias pelo seu clima e ressalta uma “integração entre o meio-ambiente preservado e o respeito que a sua população tem por sua terra.” A partir desta última colocação, o meio-ambiente transformou-se num discurso atrativo e constituinte da identidade local. O problema ambiental representado pelas serrarias no passado cede lugar à preservação do meio-ambiente atual. O mesmo *folder* ainda apresenta as inúmeras belezas naturais, anteriormente citadas, e outros atrativos como a igreja matriz, Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, Serra do Corvo Branco, etc., todos representados a partir de fotografias. Com relação à população local nada é citado.

O segundo *folder*, mais recente e atualmente distribuído tanto na cidade como nos órgãos de turismo, mostra um maior detalhamento dos atrativos, inclusive com a localização dos mesmos.

Apresenta ainda serviços de hospedagem, gastronômico, entre outros. Aqui o município aparece junto a Serra: “Urubici é hoje a cidade mais bela e mais visitada da região serrana” e ressalta que a natureza apresenta-se de forma preservada. Oferece também os eventos, apresenta a economia e acrescenta que é o segundo maior produtor de truta do país²¹. A história do município aparece aqui como a partir da chegada dos portugueses, como já citado anteriormente, e na seqüência a chegada dos imigrantes italianos, alemães e letos. Importante ressaltar que além dos atrativos turísticos o município é também apresentado a partir de sua história e população.

O terceiro *folder* além dos atrativos turísticos, contém informações sobre hospedagem, gastronomia, artesanato e outros serviços. Uma novidade é que este traz o município dentro de um circuito mais amplo, que envolve a serra catarinense. Junto a Urubici estão São Joaquim, Lages, Urupema, Rio Rufino, Bocaina do Sul e Bom Retiro. A proposta aqui é criar uma rede turística a partir dos municípios da Serra Catarinense.

Além dos *folders*, ainda foi analisada uma variedade de material informativo sobre a cidade, os quais concentram sua apresentação a partir dos esportes radicais, sempre enfatizando os aspectos naturais e a necessidade de preservação destes; da hospedagem, também apresentando os atrativos locais; das festas, principalmente a Festa Nacional das Hortaliças, que além da festa apresenta o município.

Realizou-se, juntamente com a análise dos *folders*, um levantamento na Internet das informações sobre o município. Grande parte das informações encontradas voltava-se ao turismo, das quais ressalta-se:

- “[...] paisagens européias escolhidas no desenho das araucárias e nos campos cercados por taipas, rústicos muros de pedras.”²²
- “[...] tem-se a impressão de estar em alguma cidadezinha da Europa.”²³
- “As pousadas são, na maioria, belas fazendas que cultivam costumes dos antigos tropeiros que por ali passavam transportando gado, a partir do final do século XVIII até meados do século passado”²⁴.
- “Situada a 980 metros de altitude acima do nível do mar, nos aparados da Serra Geral,

Urubici foi privilegiada pela mãe natureza com uma beleza cativante.”²⁵

As informações predominantes nestes *sites* ressaltam as belezas naturais como atrativos turísticos. Um outro aspecto digno de comentário é a comparação com a Europa, algo que vem cada vez mais sendo pensado para o município como definidor de uma identidade local, o que pode ser observado a partir das populações “escolhidas” para a construção da rota turística do município – alemãs, italianas e letas²⁶. Até aqui as informações com relação às belezas naturais e heranças européias são inquestionáveis.

Os dois *sites*²⁷ que se seguem são os únicos que vão apresentar uma outra forma de representação da cidade.

No primeiro, um *site* do Estado, no item colonização do município apresenta as seguintes populações: portuguesa, alemã, italiana, leta e africana. No item principais etnias, estas se repetem. Aqui a população que compõe o município é composta de forma mais diversificada, porém, quando o item colonização aponta os africanos como fazendo parte dos colonizadores, este aparece como um erro histórico, afinal de contas à população negra não só não participou do processo de colonização, como a posse da terra foi motivo de vários conflitos e expropriação. Um outro aspecto é que a população negra a quem se referem não é mais africana, é brasileira que veio de outras localidades. Com certeza, não houve um processo de colonização africano em Urubici.

O segundo *site* além de apresentar o município e seus atrativos, aponta os problemas decorrentes da exploração da madeira e o impacto ambiental que esta gerou, mesmo assim, aponta que ainda mantém áreas privilegiadas de recursos naturais. No item economia, este aponta a agricultura, pecuária e turismo como principais fontes e assinala que o processo de colonização contou com os

seguintes grupos étnicos: luso brasileiros, negros, alemães, italianos e letos. Mais uma vez a população negra aparece como fazendo parte do processo de colonização sem qualquer questionamento da forma como esta estava presente neste processo.

Embora estas sejam as únicas fontes que incluem a população negra no processo de constituição da população local, a forma como esta está inserida neste processo exige maior cuidado no repasse da informação. Com relação à população indígena a única referência é no momento da chegada dos portugueses para o processo de povoamento da área, os quais foram utilizados como guias da expedição. Resumindo-se a uma participação no passado.

Um dos catálogos turísticos que apresenta o Estado, em sua Introdução (assinada pelo Governador do Estado) ressalta que: “[...] o Brasil destaca-se como uma ilha onde impera a miscigenação racial, o sincretismo religioso, a tolerância e o respeito às diferenças. Nesse contexto, Santa Catarina é um Éden dentro de um paraíso”. E acrescenta apontando o Estado como: “Cadinho de etnias e culturas as mais diversas, da açoriana à alemã, da italiana à polonesa, da árabe à suíça [...]”.

A partir do presente discurso constata-se uma inclusão dos mais diferentes grupos populacionais, embora nem todos estejam citados, apontando uma grande diversidade, em contrapartida, em todo o decorrer do catálogo é a população descendente de imigrantes europeus e açorianos a que ganha destaque e muitas sequer são mencionadas. O discurso inclui, mas a prática exclui.

Considerações Finais

Os dados históricos sobre a região da Serra Catarinense nos apresentam um panorama onde a importância das populações negras, indígenas e caboclas para a construção da região é uma evidência. O percurso dos tropeiros na travessia Rio-Grande-São Paulo, a chegada dos portugueses a Serra e avanço para o oeste e meio-oeste catarinense, a lida com o gado, a exploração da madeira, são alguns dos empreendimentos que contaram com a presença destas diferentes populações. Uma presença que foi útil no conhecimento que tinham sobre a região e como força de trabalho.

Infelizmente, a história reservada a estas populações não leva em consideração o papel que desempenharam. Aos índios o processo de massacre e imposição de uma diferente visão de mundo pode ser vista atualmente através do reduzido número desta população e sua luta pela manutenção da cultura. Aos negros o processo de escravidão já constitui um massacre, físico e cultural, que mesmo findado o sistema escravocrata, sua ideologia manteve-se na forma de tratamento e discriminação desta população. Aos caboclos, junto com índios e negros, o histórico processo de expropriação da terra condiciona uma constante insegurança na luta pela sobrevivência, um exemplo é a própria Guerra do Contestado, que se forma a partir de uma massa populacional expulsa de suas terras.

Sua presença e importância histórica são incontestáveis, mesmo assim, o processo de invisibilidade construído no decorrer do tempo atribui e, em muitos momentos, camufla a real importância desta população no passado e para o presente desta região. Abaixo estão alguns dados populacionais sobre Lages, primeira e principal cidade da região, São Joaquim que se desmembrou de Lages e Urubici, que se desmembrou de São Joaquim.

Quadro 1 – População residente, por cor ou raça, em Lages, São Joaquim e Urubici

Município	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	S.Declaração
Lages	157.682	130.616	5.548	123	20.296	495	604
S. Joaquim	22.836	17.230	1.391	182	3.986	7	39
Urubici	10.252	7.887	386	5	1.869	8	98

Fonte: IBGE, 2000.

Os dados populacionais que o IBGE (2000) apresenta, demonstram que a população negra (preta e parda) é bastante representativa na região. No município de Urubici esta população gira em torno de 22% da população total do município. A população indígena aqui apresentada para o município é bastante reduzida, apenas 7 pessoas, o que não elimina a representatividade da mesma. A herança histórica desta população pode ser utilizada como um dos motivos para pensar a representatividade da mesma.

A partir da breve análise do material turístico do município, traçando um breve paralelo com os dados históricos e populacionais da região, constata-se a necessidade de pensar a política turista a partir de uma diversidade ainda maior. As populações representadas no discurso turístico acabam invisibilizando a história de diferentes grupos que compõe uma rica diversidade étnico-cultural na região. A relação Turismo-Antropologia, como apontam Banducci e Barretto (2001) ainda é recente, mas necessária no sentido de propor um olhar mais apurado sobre os diferentes usos que o discurso turístico faz das diferentes populações, do patrimônio histórico, cultural e natural. O turismo ao mesmo tempo em que pode funcionar como um forte aliado das diferentes populações locais, pode também atuar como mais uma forma de exclusão. O processo histórico mostra um passado que privilegiou grupos em detrimentos de outros, neste sentido, o turismo necessita estabelecer um importante diálogo no sentido de não repetir uma história.

Referências

- ARRUDA, G. **Cidades e sertões**: entre a história e a memória. Bauru, SP: EDUSC, 2000.
- BANDUCCI JUNIOR, A.; BARRETTO, M (orgs.) **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas,SP: Papirus, 2001.
- BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas,SP: Papirus, 1995.
- BLOEMER, N. M. S. **Brava gente brasileira**: migrantes italianos e caboclos nos Campos de Lages. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- DALL'ALBA, J. L. **O tesouro do Morro da Igreja**. Florianópolis: Fundação catarinense de Cultura; Orleans, SC: Seminário São José, 1994.
- D'ANGELIS, W.R. Para uma história dos índios no oeste catarinense. In: CEOM – Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste. **Para uma história do oeste catarinense**. Chapecó: Ed. UNOESC, 1995.
- LEITE, I. B. Descendentes de Africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação. In: _____ (org.) **Negros no sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
- MACHADO, P. P. Bugres, tropeiros e birivas: aspectos do povoamento do planalto serrano. In: BRANCHER, A.; AREND, S. M. F. (org.) **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001. p. 11 – 29.
- PIAZZA, W. F. **A colonização de Santa Catarina**. 3.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- RENK, A. **Aluta da erva**: um ofício étnico no oeste. Chapecó, SC: Grifos, 1997.
- RODRIGUES, J. G. **Urubici e sua história**: 1878 – 1981. Lages: Miller, s/d.
- SAVOLDI, A. **O caminho inverso**: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social – PPGAS / UFSC, 1998.
- SANTOS, S. C. **Educação e sociedades tribais**. Porto Alegre: Movimento, 1975.
- _____. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1995.
- SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 1994. p. 11-27.

Notas Explicativas

¹ As festas de outubro, já tradicionais no estado e grandes impulsionadoras do turismo são um exemplo da construção desta imagem: Oktoberfest, Fenarrecó, Ritorno alle Origene, Marejada, Fenashop, etc

² Sobre a ocupação do oeste catarinense, as diferentes populações, entre elas a de origem italiana e os brasileiros (caboclos), ver Renk (1997). Também sobre a ocupação das terras do oeste e as conseqüências para as populações indígenas ver D'Angelis (1995).

³ Para maiores detalhes sobre o processo de colonização em Santa Catarina, ver Piazza (1994). O autor ressalta, ainda, que além das populações acima citadas ainda vieram como imigrantes para a Província de Santa Catarina árabes (iniciada no final do século XIX e que se manteve até a década de 1970 – localizavam-se principalmente em área portuária), gregos (final do século XIX – localizaram-se na Ilha de Santa Catarina) e japoneses (fixam-se principalmente no município de Curitiba). Ressalta-se, ainda, que este processo de colonização teve muitas iniciativas não vindouras. Várias colônias tiveram que se desfazer e seus ocupantes espalharam-se pela Província. Sobre colonização alemã no sul do Brasil e a construção da identidade dos teuto-brasileiros ver Seiferth (1994, p. 11). Sobre a colonização italiana, especialmente no sul de Santa Catarina ver Savoldi (1998), especialmente Cap. I – Imigração.

⁴ ABIH – Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – Santa Catarina; Governo do Estado de Santa Catarina **Santa e Bela Catarina: roteiros turísticos integrados**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2004.

⁵ São Joaquim foi emancipado do município de Lages.

⁶ Para maiores detalhes sobre este percurso ver Bloemer (2000), Piazza, (1994), Machado (2001).

⁷ A instalação de um pelourinho na localidade remete-nos a pensar na população negra vinda como escrava para este empreendimento. O Estado de Santa Catarina, de 1803 a 1819 possui em média 23,6% de população escrava, sendo que, brancos e libertos eram contados conjuntamente. Em 1824 os escravos contavam 33% da população total do Estado, que era de 45.410 pessoas (PIAZZA, 1994). A partir deste ano este percentual começa a diminuir, havendo um aumento da população branca, gerados principalmente pelas ações colonizadoras implementadas no Estado. Mesmo assim, a população utilizada como mão de obra na lida com o gado ainda é composta em grande parte pela população negra (escravos ou libertos).

⁸ Inicialmente, como aponta Bloemer (2000) esta população vem como serviçais das famílias paulistas que ali se instalaram. Em 1788 chegam os escravos das Vilas de Tubarão, Laguna e Desterro, comprados pelos fazendeiros e tropeiros.

⁹ Sobre a população indígena da região são poucas as fontes sobre seu papel no processo de uso deste espaço. As fontes remetem-se a população indígena geralmente associado-a aos “problemas” que esta gera na região, ou seja, de nativo passa a invasor e, por isso, necessita ser “eliminado”, afinal de contas é uma população vista como um entrave ao progresso nacional que se implantava principalmente com a colonização a partir dos imigrantes europeus. Para maiores detalhes sobre a população indígena no Estado ver Santos (1975), Santos (1995).

Ressalta-se que as teorias raciais importadas da Europa nos séculos XIX e utilizadas para explicar o Brasil não contemplavam na constituição de uma nação, espelhada nos moldes europeus, populações negras, indígenas e mestiças. Para maiores detalhes ver Shwarcz (1993).

¹⁰ Sobre a exploração madeireira na região, mais especificamente nos municípios de Anita Garibaldi e Celso Ramos, ver Bloemer (2001).

¹¹ O Parque Nacional de São Joaquim foi criado pelo Decreto n. 50.922 de 06 de junho de 1961. Desde a presente data o Parque possuía sua sede no município de São Joaquim. Em 1992 a sede se transfere para o município de Urubici. Mesmo com o nome de Parque Nacional de São Joaquim, atualmente o Parque não atinge o município, um dos motivos foram os desmembramentos e criação de novos municípios. Atualmente compreende Urubici, Orleans, Grão Pará e Bom Jardim da Serra.

¹² Meu primeiro contato com o município de Urubici deu-se em 1998, como turista, quando fiz uma travessia pelo Parque Nacional de São Joaquim. Era mês de junho, frio, muita serração e uma belíssima e inesquecível paisagem. Deste primeiro contato muitos outros se sucederam e as caminhadas e travessias impuseram-se como motivadores para conhecer a região.

¹³ Sobre a discussão memória e história ver Arruda (2000), especialmente o Cap. I – Memória social.

¹⁴ Sobre os muitos relatos destes tesouros, ver Dall'Alba (1994).

¹⁵ Sobre a construção da invisibilidade que anulam ou diminuem a importância das populações negras, indígenas e caboclas, ressaltando e enfatizando a importância da população vinda com o processo de imigração, ver Ilka (1996).

¹⁶ VIEIRA, V. Urubici – a Serra Catarinense. Disponível em: <http://www.abbra.eng.br/urubici.htm>. Acesso em: 21 mar. 2004

¹⁷ Segundo o setor de Informações Turísticas do município, o recorde registrado foi de 17°C negativos em 1990, no Morro da Igreja. A baixa temperatura faz do frio, neve, geada, atrativos para o turismo local. O município integra a Rota da Neve, junto com São Joaquim, Lages e Bom Jardim da Serra.

¹⁸ Alguns dos atrativos que a cidade oferece:

Morro da Igreja com seus 1822m. de altitude é uma das grandes atrações locais. É considerado o ponto habitado mais alto do sul do país e, por isso, possui uma base da Aeronáutica – Cindacta II - base de monitoramento do espaço aéreo para a região sul. Foi instalado em 1987.

Caverna dos Bugres: antigas cavernas construída pela população indígena para se abrigar do frio.

Caniões: também conhecidos por perau com declives que podem chegar a 800metros.

Inscrições rupestres: localizadas próximo ao núcleo central da cidade.

Cachoeiras: Véu de Noiva, Avençal, Rio dos Bugres, etc.

Araucárias: transformadas em atração turística. Entre outras.

¹⁹ Atualmente Urubici é considerado o maior produtor de hortaliças do Estado. Este fato rendeu a realização da Festa Anual das Hortaliças, que ocorre no mês de março.

²⁰ O município conta o com 9 guias de turismo de aventuras e 9 guias de pesca esportiva que foram formados numa ação conjunta entre prefeitura e outros órgãos ligados ao turismo.

²¹ Vários hotéis fazenda possuem açudes com variados peixes, entre eles a truta, que podem ser pescados pelo turista. Existe também os chamados Pesque-Pague.

²² Disponível em: <http://www.serrabela.com.br/urubici>. Acesso em: 21 mar.2004.

²³ Disponível em: <http://www.terra.com.br>. Acesso em: 21 mar. 2004.

²⁴ Idem

²⁵ <http://www.abbra.eng.br>. Acesso em 21 mar. 2004.

²⁶ Não foi encontrada na bibliografia analisada qualquer referência a imigração vinda da Letônia. Este é um aspecto que exige maior detalhamento e pesquisas futuras.

²⁷ <http://www.sc.gov.br>. Acesso em: 21 mar. 2004 / <http://www.serracatarinense.com>. Acesso em: 21 mar. 2004.